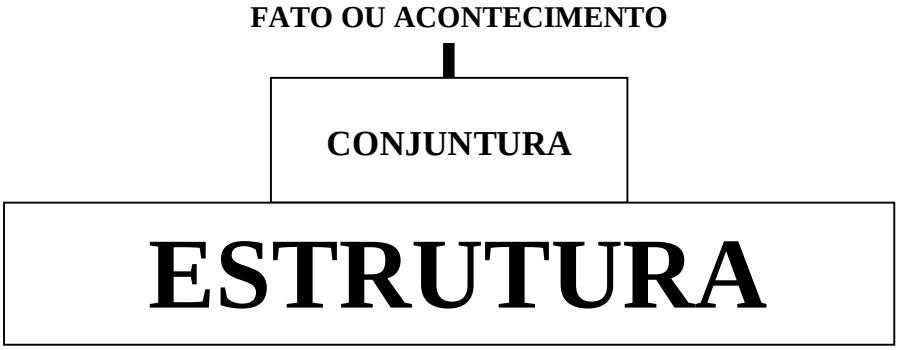
POR UMA DIDÁTICA DA DURAÇÃO

André Segal



Em geral, o tempo de vida de uma estrutura supera o tempo de vida de qualquer ser humano. É por isso que somente o conhecimento histórico nos permite vê-la no seu início, no seu desenvolvimento e na sua possível mudança.

"O cidadão médio – não o intelectual de profissão, historiador, filósofo ou sociólogo – é formado pelas mídias, pelos estudos secundários e, no melhor dos casos, pelos estudos pós-escolares. (...) O cidadão se defronta todos os dias com o acontecimento breve e com a mudança social. A fábrica que se fecha ou as férias coletivas... (...) O serviço de ônibus se interrompe por causa de uma greve de motoristas... Estes acontecimentos vão continuar? De quem é a culpa? O que fazer? O cidadão reage de imediato segundo suas emoções; desamparado, ***ele é o joguete da propaganda*** *e de sentimentos populares espontâneos* ***ou insidiosamente manipulados****.*

Nestas circunstâncias, é a capacidade de distinguir os ritmos e os níveis de duração que o ajudará a situar os acontecimentos dentro de uma perspectiva, a distinguir fatores conjunturais e estruturais, individuais e coletivos. (...)

[É esta] consciência dos ritmos da mudança social que pode dar ao cidadão o sentido do poder histórico, liberá-lo de impotências frágeis e das esperanças ilusórias. O cidadão pode avaliar as forças de resistência à mudança e não se surpreender pela lentidão [ou velocidade] com que ocorrem. Pode distinguir, sob uma aparente imutabilidade, ***as estruturas, as rachaduras subterrâneas*** *e os movimentos lentos. Ele sabe também que os ritmos mudam: as conjunturas se invertem, as estruturas se rompem e mesmo, em certas condições, uma precipitação de acontecimentos que chamamos "revolução" pode contribuir para estas rupturas" (pp. 10 – 11, grifos nossos).*